

## Resenha

QUATREMÈRE DE QUINCY

*Lettres to Miranda and Canova on the abduction of antiquities from Rome and Athens*

Tradução para o inglês Chris MILLER e David GILKS. Los Angeles: The Getty Research Institute, 2012, 208 p.

ISBN: 1606060996

O confisco das obras-primas da arte italiana e da Europa setentrional pelas tropas do general Napoleão Bonaparte, no intuito de formar um Museu no Louvre, é legítimo? A chegada dos mármores do Partenon a Londres deve ser celebrada ou condenada? São estas as questões que acirram os debates nos círculos de artistas, eruditos e acadêmicos na Europa entre as décadas de 1790 e 1810. Tais contendas extrapolam a esfera das artes, e sua dimensão também política inflama os debates na imprensa e movimenta a opinião pública.

Antoine-Chrysostome Quatremère de Quincy (Paris, 1755-1849) — escultor, *homme des lettres* e antiquário — expressa sua reação a estes eventos publicando duas obras na forma de um suposto intercâmbio epistolar: *Lettres sur le préjudice qu'occasionneraient aux arts et à la science, le déplacement des monuments de l'art de l'Italie, le démembrement de ses écoles et la spoliation de ses collections, galeries, musées, etc.* (1796), originalmente publicadas na forma de panfleto e conhecidas como *Lettres à Miranda*, em razão do nome

do seu destinatário<sup>1</sup>; e *Lettres écrites de Londres à Rome, et adressées à M. Canova, sur les marbres d'Elgin ou les sculptures du temple de Minerve à Athènes* (1818).

No empenho de traduzir para a língua inglesa textos que constituem o *corpus* da teoria e história da arte e da arquitetura, o *Getty Research Institute* apresenta a primeira tradução para a língua inglesa destas duas obras de Quatremère de Quincy. As cartas são apresentadas pelo ensaio crítico de Dominique Poulot<sup>2</sup>, que além de discutir o contexto original de sua publicação, discute sua relevância para o debate contemporâneo relativo aos museus e à preservação do patrimônio histórico.

A obra profícua de Quatremère de Quincy — ensaios, restituições arqueológicas, tratados filosóficos sobre a beleza e a imitação nas belas artes, o *Dictionnaire d'Architecture* na *Encyclopédie Méthodique* — bem como suas orientações políticas, o alçam a uma posição de prestígio como *Secrétaire perpétuel de l'Académie des Beaux-arts* na França (1816-1839). Sua defesa intransigente do ideal clássico na *Académie* constitui-se em crepuscular libelo contra mudanças em curso na passagem do século 18. Entretanto, apesar de sua insistência em ocupar posições de poder diante do ecletismo nascente, revela-se inábil para influenciar a arte na França do século 19. Próximo ao fim de sua carreira é ricularizado pelos jovens na *Académie*.

O interesse crescente pela obra de Quatremère de Quincy se dá a partir da década de 1960, quando, diante das limitações do Movimento Moderno para lidar com as questões urbanas, parte da cultura arquitetônica italiana insiste na necessidade de se buscar uma teoria capaz de explicar a continuidade formal e estrutural entre as partes antigas e novas das cidades. Neste contexto, Giulio Carlo Argan e Aldo Rossi retomam as definições

<sup>1</sup> Quatremère revela, no prefácio da edição de *Lettres à Miranda*, de 1836, a identidade de seu interlocutor: Francisco de Miranda, créole nascido em Caracas, na Venezuela e militante ativo nas guerras de independência das colônias da América Espanhola e dos Estados Unidos. Miranda e Quatremère de Quincy comungam uma orientação liberal, ligada aos ideais de uma monarquia constitucional, fundamentada nos princípios de 1789 e se opõem à política de conquistas e hegemonia do Diretório, que implicam uma situação de guerra perpétua e na conseqüente instauração, na França, de um regime autoritário que impede qualquer tentativa de restauração de uma monarquia moderada.

<sup>2</sup> Dominique Poulot é professor de História da Arte na Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, e autor de *Une histoire du patrimoine en occident* (2006), publicado no Brasil: POULOT, D. *Uma história do patrimônio no ocidente, séculos XVIII-XXI: do monumento aos valores*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009, 240 p.

de tipo e modelo formuladas por Quatremère de Quincy. No âmbito das discussões sobre os conceitos de caráter e linguagem arquitetônica, relevantes para as tendências pós-modernas da arquitetura contemporânea, as revisões da historiografia do século 18 realizadas por Anthony Vidler e George Teyssot também retomam as ideias de Quatremère de Quincy. Na década de 1990, o papel proeminente de Quatremère de Quincy na fundação de uma consciência sobre as questões relativas ao patrimônio histórico e a crítica à criação dos museus modernos é reconhecido<sup>3</sup>.

É no campo de estudos da gênese dos museus e das noções sobre os monumentos e patrimônio histórico que a reedição de *Cartas a Miranda e a Canova* se inscreve. No ensaio introdutório, após apresentar uma biografia concisa do autor, revelando seu papel na Revolução Francesa<sup>4</sup>, Dominique Poulot destaca que a publicação dos dois conjuntos de cartas coincide com a reavaliação dos cânones universais da arte que a reconfiguração das coleções públicas consolida e enriquece. No contexto de definição de uma nova ordem geopolítica na Europa, o grande debate do período são as questões relativas ao contexto e à propriedade das obras-primas da Arte.

*Lettres à Miranda* (1796) é um manifesto corajoso contra o confisco das obras de arte praticadas pela França nos países ocupados pelos exércitos republicanos. A exegese do texto levanta questões sobre as relações complexas entre a ideologia da Revolução Francesa e o destino das grandes obras de arte do passado.

A França revolucionária se julga legatária universal do patrimônio da humanidade. A dominação do tempo — inaugurando um novo calendário; e do espaço, garantido pelas conquistas dos territórios europeus — legitima a assunção da herança, fundamento da noção de patrimônio. Na doutrina revolucionária, o confisco das obras da Itália é tido como uma repatriação, pois, após a época de seu surgimento, as obras da Antiguidade e do

<sup>3</sup> Na França, os estudos Françoise Choay, Édouard Pommier e Dominique Poulot.

<sup>4</sup> Em *Considérations sur les arts du dessin en France* (1791), Quatremère de Quincy propõe uma nova organização para o ensino das artes após a dissolução da Academia Real. Foi responsável pelo único grande projeto artístico realizado pela Revolução ao conceber o programa e dirigir os trabalhos de transformação da igreja de *Sainte-Genève* em *Panthéon* francês, de 1791 a 1793, aplicando os conceitos publicados no primeiro volume do seu *Dictionnaire d'Architecture* (1788). Permaneceu ligado ao liberalismo de 1789, e como era favorável à implantação da monarquia constitucional, foi preso sob o Terror.

Renascimento são vítimas de uma espécie de exílio: o despotismo, a decadência e a corrupção as privam de seu significado. A Revolução teria então o poder de lhes restituir a vida e o retorno ao seu domicílio natural: a pátria da liberdade.

*Lettres à Miranda* constituem, portanto, um texto contrarrevolucionário que questiona as ações da política externa da Revolução. Quando são publicadas, em julho de 1796, o confisco das obras na Itália estava em curso. Por meio de ações sistemáticas e em grande escala, as obras-primas da pintura italiana da Renascença e do século 12 e as antiguidades de Roma teriam um novo domicílio. A política do Diretório com relação à Itália ganha contornos mais espetaculares do que antes, na Bélgica, pois são os fundamentos da tradição artística europeia que estão em jogo, o que explica a reação radical e urgente de Quatremère de Quincy. As cartas foram publicadas em jornais, na forma de artigos, e tiveram ampla repercussão na imprensa parisiense.

As cartas devem ser compreendidas no contexto das ideias sobre a formação do artista no final do século 18 e do papel de Roma como centro do cosmopolitismo europeu da ilustração, objeto não apenas da admiração estética, mas também da pesquisa sistemática que decifra os monumentos. O teor das cartas é coerente com as ideias de Quatremère de Quincy sobre o ensino das artes: as obras da Antiguidade deveriam ser estudadas *in situ*, tanto em Roma quanto no sul da França.

Um dos temas principais das cartas é a rejeição absoluta de todas as medidas que tendem a desmembrar e dispersar o museu total e integral que Roma e Itália constituem. A decomposição do museu de Roma seria a morte de todos os conhecimentos, cuja unidade é o princípio; portanto, qualquer projeto de desmembramento do museu de Roma é um atentado contra a ciência, um crime de lesa-instrução pública. O corolário deste argumento é a ideia frequentemente expressa por Quatremère de Quincy de que os museus formados por fragmentos de obras ou de pares de coleções em nada contribuem para o avanço na formação do artista.

*Lettres à Canova* são uma oportunidade para Quatremère de Quincy resumir suas concepções sobre a beleza ideal, a teoria da imitação e a relação da arte grega com a religião. Sua contribuição sobre a polêmica dos mármores de Lord Elgin exclui quase inteiramente qualquer referência ao direito dos gregos ou à identidade de uma nação grega putativa.

À época da publicação, os eruditos europeus se referem à Grécia apenas para lamentar a perda da sua antiga civilização, para lá viajam em busca das ruínas de templos e cidades, se extasiam com os vestígios da Antiguidade, mas não demonstram nenhuma reverência à população que lá vivia.

A controvérsia sobre os mármores do Partenon mantém-se restrita à Inglaterra, e neste sentido é muito diferente da pilhagem empreendida pela França revolucionária na Itália, que reverbera por toda a Europa. As ações de Elgin são consideradas por muitos eruditos como algo positivo que permite que as esculturas, antes isoladas em um país distante e inacessível, possam ser conhecidas pelo público e pelos estudiosos da arte.

Os mármores do Partenon permitem uma revisão das concepções de Quatremère: preenchem uma lacuna na história da arte e do gosto na Grécia que modifica suas noções sobre a concepção e o tratamento da beleza entre os contemporâneos de Péricles.

Embora contrário aos museus, que promovem a descontextualização das obras, e defensor da dependência que as esculturas arquitetônicas guardam de maneira geral, Quatremère se revela entusiasta da proximidade criada na forma de exposição dos mármores do Partenon, e da conseqüente autonomia que os fragmentos adquirem nesta forma de exposição.

A relevância das *cartas* transcende seu contexto original na passagem do século 18 para o 19 e se inscreve nos debates contemporâneos sobre a expansão dos museus, o cosmopolitismo e a fetichização da obra de arte. Também é possível interpretá-las como o primeiro indicador do triunfo da abordagem contextualista, própria das ciências sociais contemporâneas.

RENATA BAESSO PEREIRA

*Professora do Curso de Pós-Graduação em Urbanismo da  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (CEATEC – PUC /  
Campinas – SP)  
Brasil*